

82.09

C217 m

UNEMAT		
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA - MT		
BIBLIOTECA REGIONAL		
TOMBO Nº	00 116 160	
DATA	19 / 10 / 2016	
CONTROLE:	9262 8134	
() COMPRA ☒ DOAÇÃO () PERMUTA		



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
COORDENAÇÃO DE LETRAS



DENISE SANTOS SOARES CÂNDIDO

MACABÉA E A IDENTIDADE MODERNA: UMA LEITURA POSSÍVEL

Pontes e Lacerda – MT
Agosto de 2016

DENISE SANTOS SOARES CÂNDIDO

MACABÉA E A IDENTIDADE MODERNA: UMA LEITURA POSSÍVEL

Trabalho de conclusão do curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, apresentado à Faculdade de Linguagem e Zootecnia, da Universidade do Estado de Mato Grosso – *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito para a obtenção do título de Graduada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Matteus Feitosa Mateus Melo

Pontes e Lacerda – MT
Agosto de 2016



GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECINIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



ESTE TRABALHO MONOGRÁFICO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA SEGUINTE
BANCA EXAMINADORA:

Prof. Me. Matheus Feitosa Mateus Melo
Orientador

Prof.ª Me. Maria Inês Parolin
Membro da Banca

Prof. Me. Almir Gomes de Jesus
Membro da Banca

Aos meus pais, Wilson G. Soares e Maria
Gesi dos S. Soares pelo incentivo de
sempre.

A meu esposo Davi Cândido – homem da
minha vida – que nunca me deixou desistir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois sem ele não realizaria este grande sonho.

Aos meus pais, Wilson Gomes Soares e Maria Gesi dos Santos Soares, pelo exemplo de vida, e pelo amor incondicional que sempre me dedicaram.

Ao meu esposo, Davi Cândido, por acreditar e confiar em mim, e sempre me incentivar em meus estudos. Você faz parte desta realização!

Aos meus irmãos, Willian dos Santos Soares e Gabriel Silva Santos, pelo amor e carinho.

As minhas tias, Socorro Gesi dos Santos e Eliana Gesi dos Santos, pelo amor, carinho e dedicação.

Às minhas companheiras de classe, Amanda Lopes Beijo, Alana Maria de Souza, Claudia Neres e Millena Correia de Freitas, que me acompanharam durante estes difíceis anos.

A minha amiga, Simone Alves Cipriano, pelo incentivo e amizade.

Aos professores participantes da banca examinadora, Me. Almir Gomes de Jesus, e Me. Maria Inês Parolin, que se dedicaram à leitura e às considerações a respeito desta pesquisa.

A todos os professores da Universidade do Estado de Mato Grosso que contribuíram para minha formação.

Ao meu orientador, Me. Mateus Feitosa Mateus Melo, por sua dedicação, paciência, incentivo, e por acreditar neste trabalho. Serei eternamente Grata!

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse realizar este trabalho da melhor forma possível.

*Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou
eu que escrevo o que estou escrevendo.*

Clarice Lispector

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO	10
1. QUESTÕES PRIMÉAS SOBRE IDENTIDADE	12
1.1 – A identidade moderna: descentramentos	18
2. A REALIDADE INVENTADA NA ESCRITA CLARICEANA	24
2.1 – Uma escrita, Muitas identidades	28
2.2 – Macabéa: mais um na multidão	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

RESUMO

Ao romper com as formas de estruturação das narrativas tradicionais, a estética modernista propõe diferentes possibilidades de apreender a realidade e o lugar que o indivíduo ocupa no século XX, ao mesmo tempo em que muda a perspectiva da escrita literária, ao considerar a forte tendência do abstracionismo, a fragmentação, e o caos do mundo moderno. As ideias que permearam todo aquele século podem ser percebidas nos mais variados estilos de construção do romance, a exemplo da obra *A Hora da Estrela* (1998), de Clarice Lispector, cuja personagem principal diz muito das novas relações sociais e das crises de pertencimento que afetaram o indivíduo. A finalidade desta pesquisa, portanto, é procurar entender, ainda que no plano literário, como a ideia de identidade se configura na personagem Macabéa, ao observarmos o lugar e as relações que a personagem ocupa no romance.

Palavras-Chaves: Modernismo; *A Hora da Estrela*; Macabéa; Identidade.

ABSTRACT

By breaking with the forms of structuring of traditional narratives, the modernist aesthetic proposes different possibilities to grasp the reality and the place the individual occupies in the twentieth century, at the same time it changes the perspective of literary writing, considering the strong trend abstractionism, fragmentation and chaos of the modern world. The ideas that permeated every one century can be seen in various styles of the novel construction, the example of the work *The Hour of the Star* (1998), Clarice Lispector, whose main character says a lot of new social relations and belonging crises affected individual. The purpose of this research, therefore, is to try to understand, even in the literary plane, as the idea of identity is configured in Macabéa character, to observe the place and the relationships that the character takes up the novel.

Keywords: Modernism, *A Hora da Estrela*, Macabéa, Identity.

INTRODUÇÃO

A ideia desta pesquisa se originou das inúmeras inquietações que a leitura do romance *A Hora da Estrela* (1998) nos provocou. Nosso primeiro contato com a literatura clariceana se deu durante o percurso da disciplina Teoria Literária, quando nos foi proposto uma análise sobre a personagem Macabéa, protagonista da obra.

As inúmeras pesquisas¹ já realizadas a partir do estudo das obras de Clarice Lispector, sejam elas relacionadas à Teoria Literária como a outras áreas do conhecimento, geraram dúvidas quanto à escolha do nosso objeto de análise. Contudo, as questões suscitadas em torno do conceito de *Identidade*, por ocasião da leitura de textos que discutem a respeito do tema, nos despertou a curiosidade em procurar entender como a ideia da identidade moderna e as crises de pertencimento podem ser percebidas na criação da personagem Macabéa, em *A Hora da Estrela* (1998), considerando aspectos da narrativa e de outros elementos diretamente relacionados à personagem.

Uma vez definido nosso objeto de estudo, e considerando o nível de exigência para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa, entendemos que dois capítulos contemplariam, *a priori*, as reflexões que seriam suscitadas.

O primeiro deles propõe, de maneira bastante resumida, ressaltar aspectos do cenário moderno e da presença de Clarice Lispector neste cenário, além de pontuar as fundamentais características de sua escrita, o jogo de linguagem e seus díspares personagens, nos limitando à obra *A Hora da Estrela*, que constitui o *corpus* do nosso trabalho. E a partir de teóricos como Zygmunt Bauman (2005) e Stuart Hall (2006) procuramos refletir sobre as transformações ocorridas no período modernista que ocasionaram mudanças em várias áreas da sociedade moderna, causando as crises de pertencimento do indivíduo, os descentramentos e a fragmentação da identidade, e o que se configurou conceitualmente como a era líquido-moderna.

Quanto ao segundo capítulo, todas as questões estão voltadas para o estudo e análise da personagem Macabéa, por meio do qual procuramos pontuar aspectos que se assemelham, ainda que de maneira figurativa, às questões e conflitos relacionados à

¹ À exemplo de, *Do Livro à Tela: Identidade e Representação em A Hora da Estrela de Clarice Lispector*, em Gleyda Lucia Cordeiro Aragão; *Identidade, Memória e Gênero nas obras literárias de Orlanda Amarílis e Clarice Lispector*, em Suely Alves de Carlos; *Clarice Lispector: Criador e Criaturas – Uma Leitura de A Hora da Estrela*, em Robson Ricardo Dal Santo Faria.

identidade do indivíduo moderno, partindo do lugar que a personagem ocupa na história, seja nas relações de amizade com suas amigas de pensão, em seu ambiente de trabalho, no curto relacionamento amoroso com Olímpico, na consulta ao médico ou na visita à cartomante. Apenas no decorrer da pesquisa é que percebemos a importância desses elementos para o desenvolvimento da análise e compreensão do estudo proposto.

E se nos amedronta a incumbência, permitam-nos: “Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem. Agora me lembrei de que houve um tempo em que para me esquentar o espírito eu rezava: o movimento é espírito.”²

² LISPECTOR, 1998, p. 26.

1. QUESTÕES PRIMEIRAS SOBRE IDENTIDADE

A partir das primeiras décadas do século XX, inicia-se um período de grandes transformações nos diferentes segmentos sociais, motivadas pelo movimento da Revolução Industrial, que provoca profundas alterações no homem e no meio social e a faz surgir o modos de relações sociais.

Uma dessas transformações é a ideia de identidade, que se originou de uma crise de pertencimento por ocasião das mudanças na estrutura de vida e no comportamento do indivíduo. No campo das artes, especificamente em relação às produções literárias, a principal transformação se deu na busca por novas formas de expressões que rompessem com as escolas literárias anteriores, acarretando nas quebras tradicionais de narrar e no total afastamento da literatura nacional do estilo europeu, características estas que integram o movimento denominado modernismo.

De maneira bastante resumida, o modernismo pode ser compreendido a partir de três gerações específicas. A *primeira geração* (1920) corresponde aos movimentos de vanguarda e à instauração do período moderno. Neste momento, os escritores priorizam a busca do original, visando mostrar a realidade nacionalista brasileira através do cotidiano, do espaço urbano e do estudo da língua brasileira para caracterizar a nossa cultura. A *segunda geração* (1930) representa a consolidação das novas formas de expressões e a valorização das produções nacionais. “Todas as formas literárias do pensamento buscavam vestir-se com as cores do país” (MOSER, 2011, p. 179). A *terceira geração* (1945), completamente moldada pelo pensamento moderno da época, se apropria de um estilo de escrita completamente diferente do que se seguia; as personagens, por exemplo, assumem características psicológicas densas.

Em relação às transformações ocorridas no romance moderno, Anatol Rosenfeld (1996) afirma tratar-se, “antes de tudo, de um processo de desmascaramento do mundo epidérmico do senso comum, revelando, espaço e tempo – e com isso o mundo empírico dos sentidos – como relativos ou mesmo como aparentes” (p. 81), rompendo com os padrões estruturais do romance tradicional. Para esta nova forma de escrita literária, surge à necessidade de reproduzir a experiência psíquica com máxima fidelidade.

Implicam uma retificação do enfoque: o narrador, no afã de apresentar a “realidade como tal” e não aquela realidade lógica e

bem comportada do narrador tradicional, procura superar a perspectiva tradicional, submergindo na própria corrente psíquica da personagem ou tomando qualquer posição que lhe parece menos fictícia que as tradicionais e “ilusionistas” (ROSENFELD, 1996, p.84).

As mudanças ocasionadas no período moderno proporcionaram à literatura modificações das estruturas formais do romance realista. Segundo Rosenfeld (1996), percebemos esta alteração através dos elementos narrativos espaço, tempo e causalidade, que sofreram uma extrema modificação no modo como são produzidos. Ou seja, no romance moderno não é possível perceber estes elementos que antes estabeleciam na obra literária um sentido de começo, meio e fim. Nasce também destas alterações uma nova característica para o romance moderno, decompõe e fragmentando o personagem que não é capaz de se sentir protegido, devido ao novo estado de insegurança que o mundo moderno representa dentro da própria obra.

É dentro deste novo cenário moderno que Clarice Lispector torna-se um dos nomes mais importantes da literatura brasileira. Já em sua primeira publicação os críticos teciam comentários a respeito de sua escrita, afirmando que ela apresentava uma ideologia ainda não vista, uma narrativa muito diferente das que até então predominavam, e cuja singularidade perturbava as pessoas. Um crítico escreveria que ela “trata motivos e temas estranhos à sua pátria [...]” (MOSER, 2011, p. 25).

Foram muitas as circunstâncias que dificultaram a aceitação do estilo de sua escrita. Segundo Cristina Ferreira Pinto Bailey, “os primeiros críticos, entretanto, dedicaram-se principalmente a comentar o estilo narrativo da autora, tão diferente daquilo com que a literatura estava acostumada então” (2006, p. 9), ocasionando um rompimento até com o modelo que vinha sendo repetido pelos demais autores brasileiros, mesmo os modernistas.

Clarice constrói suas histórias a partir de detalhes observados em situações corriqueiras, no dia-a-dia do indivíduo e nas suas relações em sociedade. É possível supor que seja, também, por este modo de perceber o mundo à sua volta que a sua escrita afaste-se dos padrões da escrita realista. A forma como estrutura seus romances não só mantém uma ruptura com os modelos clássicos, mas acentuam aspectos que reforçam a fragmentação dos indivíduos deste século; seus personagens acompanham as transformações ocasionadas pelo advento da modernidade, e passam a apresentar características bem mais psicológicas, emocionais, densas e contraditórias.

As obras de Clarice Lispector são construídas com tão grande densidade psicológica que cada uma de suas personagens assume um caráter peculiar. Em sua grande maioria, as narrativas apresentam tipos femininos que discutem dilemas existenciais, divisão de classes, racismo, conflitos de definições de gêneros sexuais, aproximando a linguagem fictícia da real condição humana por meio da verossimilhança, na tentativa de traduzir a infinita busca do sentido da existência do próprio eu/indivíduo. Bailey afirma que:

(...) o uso de metáforas e imagens inusitadas, a quebra da relação de causa e efeito, o uso da ambiguidade, o fluxo da consciência e o monólogo interior, os quais servem em sua obra para revelar a relação entre sujeito e realidade exterior mediante a percepção que esse sujeito tem da realidade (2006, p.11).

Em meio ao conflito com o avanço capitalista, Lispector tenta aproximar sua escrita de uma reflexão da condição humana ao construir de maneira verossímil a relação entre sujeito e realidade. Seus personagens terão características peculiares, com traços marcantes de solidão, reprodução da baixa e condições sociais conflitantes, que os aproximaram de uma representação da crise de identidade sofrida na instauração do período moderno; são estes seres ficcionais que nos permitem refletir sobre o indivíduo em busca do próprio “eu”, cheios de indagações a respeito de si mesmos.

Sérgio Milliet escreveu que “pela primeira vez um autor brasileiro vai além da simples aproximação neste campo quase virgem de nossa literatura, pela primeira vez, um autor penetra nas profundezas da complexidade psicológica da alma moderna” (2011, MOSER, p. 224). Nos últimos anos de vida a autora escreve e publica *A Hora da Estrela* (1977), obra que lhe traria uma enorme repercussão entre a crítica literária.

No que concerne à ideia de identidade, partimos do ponto de que conforme afirma Zygmunt Bauman³ (2005), o conceito de identidade representado pelo indivíduo era pensado por meio de instituições, como a família, o Estado e a igreja. Com o surgimento da modernidade, essas representatividades sofreram mudanças avassaladoras, desencadeando uma série de transformações no comportamento e nas relações sociais daquele período. Dificilmente a identidade poderia ser substituída, pois era atribuída pelas filiações de raça, gênero, classe social, país e local de nascimento, sendo mantidas e valorizadas, igualitariamente, por muitos anos. Mas, em meados do

³Sociólogo polonês que desenvolveu o pensamento conceitual sobre questões referentes ao homem e à sociedade moderna, definindo um novo olhar para o conceito de Identidade.

século XX, este mesmo conceito de identidade foi-se fragmentando.

De acordo com o pensamento de Bauman (2005), o Estado era quem sustentava a valorização do conceito de identidade, nele estava concentrado todo o poder, e era ele quem alimentava o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. O conceito de identidade construído pelo Estado consistia em manter a fronteira entre “nós” e “eles”, formando uma nação onde o indivíduo se caracterizasse como alguém naturalizado. Nesta ocasião, os lugares de pertencimento eram tradicionalmente conservadores e o ser humano tentava cultivar sua imagem identitária.

O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. Por outro lado, uma nação sem Estado estaria destinada a ser insegura sobre o seu passado, incerta sobre o seu presente e duvidosa do seu futuro, e assim fadada a uma existência precária (BAUMAN, 2005, p. 27).

Bauman assegura que a identidade perdeu “as âncoras sociais que faziam perecer “natural”, predeterminada e inegociável a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós”” (2005, p. 30). Além disso, a globalização gerou mudanças radicais e irreversíveis na sociedade, afetando as estruturas estatais, as condições de trabalho, a produção cultural e a relação entre o “eu” e o “outro”, tornando as identidades incertas e transitórias.

Todas essas transformações ocasionaram a era *líquido-moderna*⁴, momento em que a identidade deixou de ser unificada e sólida, passando a ser líquida e sem estabilidade. De acordo com o pensamento e as definições de Bauman, o cenário líquido-moderno está interligado não apenas ao conceito de identidade, como também ao conjunto das funções sociais, produzindo níveis de insegurança.

O primeiro cenário a ser atingido é o mercado de trabalho que passa a ser inconfiável, não mais conseguindo oferecer dignidade e respeito e cortando o espaço de identificação e as relações dos grupos sociais.

Houve um tempo em que a identidade humana de uma pessoa era determinada fundamentalmente pelo papel produtivo desempenhado na divisão social do trabalho, quando o Estado garantia (se não na prática, ao menos nas intenções e promessas) a solidez e durabilidade

⁴A Era Líquido moderna, segundo o teórico Zygmunt Bauman, é a mudança de estado que a sociedade sofre devido ao período moderno, perdendo seus valores e vivenciando um período de extremas incertezas e fluidez.

deste papel, e quando os sujeitos do Estado podiam exigir que as autoridades prestassem contas no caso de deixarem as suas promessas e desincumbir-se da responsabilidade assumida de proporcionar a plena satisfação dos cidadãos (BAUMAN, 2005, p. 51 a 52).

O segundo cenário compete ao papel desempenhado pelo Estado, uma vez que este seria o responsável pela proteção do indivíduo como ser social, atribuindo-lhe uma identidade. Entretanto, o Estado passa a negar direitos sociais àqueles que vivem perambulando pelas ruas, excluindo esses indivíduos e contradizendo seu próprio dever em cuidar da sociedade. Bauman afirma que o Estado consolida a ideia de que é preciso “trancar pedófilos, varrer das ruas os vagabundos, ociosos, mendigos e outros indesejáveis, e deter suspeito de terrorismo antes que se transforme em terroristas de fato” (2005, p.52), condicionando uma parcela da sociedade como inválidos, aumentando cada vez mais o nível de desigualdade, pobreza, miséria e humilhação; um grupo de rejeitados, largados à sorte, sem identidade.

O terceiro cenário coloca em questão os movimentos sociais de gênero, raça, direitos femininos e direitos raciais. O cidadão necessitava de uma identidade para ser considerado membro de uma nação. Os indivíduos passam, agora, a enfrentar conflitos sociais na busca por soluções para seus problemas, sabendo que não podem confiar e esperar ajuda do Estado. Primeiramente porque o Estado não mais define uma concepção de identidade e, segundo, pelo fato do Estado não mais ser capacitado para atender uma demanda da sociedade que se encontra desestruturada e fragmentada pela globalização.

Não mais monitorados e protegidos, cobertos e revigorados por instituições em busca de monopólio – expostas, em vez disso, ao livre jogo de forças concorrentes –, quaisquer hierarquias ou graus de identidades, e particularmente os sólidos e duráveis, não são nem procurados nem fáceis de construir. As principais razões de as identidades serem estritamente definidas e desprovidas de ambiguidade (tão bem definidas e inequívocas quanto a soberania territorial do Estado), e de manterem o mesmo formato reconhecível ao longo do tempo, desapareceram ou perderam muito do poder constrangedor que um dia tiveram. As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas (BAUMAN, 2005, p. 35).

Em suma, Zygmunt Bauman assegura que a principal força nos processos de transformação das estruturas e das instituições sociais é o princípio de *liquefação*⁵. É a partir deste momento que a fase sólida da modernidade passa a ser fluida, ou seja, a sociedade passa a ser líquida por não manter uma estrutura fixa. Isto significa dizer que não se pode mais esperar que exista uma sociedade sólida, os indivíduos estão sempre em mudança, seja no campo físico ou psicológico. O Estado também não mais mantém poder sobre o indivíduo. Este sujeito, agora fragmentado, apenas se baseia no fato de ter uma localização – comunidade –, e não mais uma identidade como sua representação.

Estamos passando agora da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das forças menores. Num ambiente fluido, não há como saber se o que nos espera é uma enchente ou uma seca – é melhor estar preparado para as duas possibilidades (BAUMAN, 2005, p. 57).

No novo mundo denominado *líquido-moderno* não há a necessidade de existir uma identidade coesa, fixa e sólida. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (BAUMAN, 2005, p.33). Os indivíduos deste mundo moderno passaram a assumir identidades variadas, modificando-se a todo instante. O verdadeiro problema desta crise de identidade se dá por meio da incerteza que os indivíduos encontram ao tentarem escolher uma identificação própria.

A construção da identidade passou a funcionar como uma experimentação – ora assume-se uma identidade em dado momento, e logo em seguida passa-se a assumir muitas outras. Foi devido a este constante movimento de escolhas e definições que se formaram as crises de pertencimento.

⁵ O Princípio de liquefação é o momento em que se perde a fase sólida da sociedade e ela passa a ser uma sociedade fluida, seguida de constantes alterações.

1.1. A IDENTIDADE MODERNA: DESCENTRAMENTOS

É certo afirmar que o termo identidade refere-se diretamente ao indivíduo de uma sociedade, e que por meio dela houve uma estabilização social, uma estrutura de identidade estável, no mundo. Mas as crises de pertencimento, dentre outros fatores, como já foram apontados no tópico anterior, fizeram surgir a necessidade de outro olhar para o que de fato, nestes novos tempos, pode ser conceituado como *identidade*.

Esse turbilhão de mudanças afetou a estrutura da sociedade moderna, provocando fragmentações diversas no que se refere à cultura, ao gênero, à etnia, e à definição da própria identidade pessoal. Tais transformações acarretaram ao sujeito moderno, que antes possuía uma identidade unificada e era um ser integrado à sociedade, mudanças na identidade pessoal, uma perda de sentido de si, do seu lugar no mundo social e cultural. O teórico Stuart Hall, na obra *A identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006), conceitua a formação desta identidade por meio de três concepções distintas, mesmo sofrendo modificações temporárias.

A primeira é a concepção do sujeito *Iluminista*. Este conceito fundamentava-se na visão de que o ser humano deveria ser um indivíduo extremamente centrado, unificado, consciente e movido pela ação. O indivíduo nascia e se desenvolvia permanecendo o mesmo; o centro essencial em si era o seu eu – identidade.

O movimento Iluminismo surgiu no século XVIII que, dominado pela burguesia, defendia o ideal da fé sob o domínio da razão, considerando que os homens são naturalmente bons e que a sociedade é quem os corrompe. Posteriormente a este período nos deparamos com o advento da modernidade, quando ocorrem diversas transformações em diferentes áreas da sociedade, culminando na Revolução Industrial e provocando mudanças na economia agrária. O trabalho passa a ser dominado pela indústria mecanizada e a produção aumenta em larga escala, exigindo, por consequência, o aumento da jornada de trabalho dos operários gerando revoltas e manifestações de greve devido ao baixíssimo salário dos trabalhadores. Logo, o sujeito do Iluminismo, que antes era pensado como um ser autônomo e autossuficiente, desenvolve uma nova condição identitária, sendo refletido como um sujeito sociológico, em oposição à concepção anterior. Este sujeito, portanto, depende da sociedade para a formação de sua identidade. Com isso, abre-se um novo olhar para o sentido da identidade, que agora será refletida como a de um sujeito sociológico.

A segunda concepção é a do sujeito *sociológico*. Agora, é o mundo moderno quem estabelece a formação da identidade na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda mantém o seu núcleo essencial, que é o “eu real”, entretanto, este passa a ser formado e modificado pela relação com o outro. Mantém-se a relação entre o mundo “interior” e “exterior”, mas são as relações com o mundo pessoal e o mundo público que estabelecem a identidade do sujeito. Já neste período sociológico o sujeito reflete a complexidade do mundo moderno, compreendendo que o indivíduo não era autônomo e autossuficiente, mas que este se formava na relação do “eu” com o “outro”.

Ainda neste período, as transformações ocorridas na Revolução Industrial desencadearam o capitalismo. Devido à disparada do sistema de produção, pessoas imigravam, fugindo da fome e da miséria, enquanto outros imigravam em busca de um futuro melhor. Isto gerou mudanças no comportamento dos indivíduos, alterações na estrutura da vida cotidiana, contribuindo para que a identidade se mantivesse em movimento.

O sujeito sociológico acabou também por se contradizer, pois não conseguia manter o seu “eu real”, assumindo diferentes identidades em diferentes momentos, não mais unificadas ao redor de um eu coerente, mas identidades contraditórias e, por conseguinte, deslocadas.

Com a globalização nos anos de 1990 ocorreu uma crescente interdependência entre as economias de diversos países, além do advento da internet e de grande número de mercados de trabalhos. Nas décadas que se seguiram, a sociedade continuou sendo marcada por um cenário de mudanças. As situações de conflito em muitos países, guerras civis, guerrilhas, desmembramentos de nações, novas imigrações de pessoas para diversos lugares do mundo acabaram modificando novamente a identidade dos indivíduos.

A terceira concepção é a do Sujeito *Pós-moderno*. Em decorrência deste novo cenário, Hall afirma que este sujeito não mais possui uma identidade fixa, essencial e permanente. Trata-se de uma identidade móvel, formada e transformada continuamente; dependendo de como somos colocados e representados pelo sistema cultural. Por esta perspectiva, a identidade se define em decorrência de um descentramento – deslocamento – dividindo-se de acordo com a diversidade social que produz posições distintas de um mesmo sujeito.

Com base na definição de Hall, quando afirma que a sociedade passou a sofrer com a fragmentação da identidade na pós-modernidade, é possível identificar as

principais mudanças pelas quais o sujeito e a identidade são concebidos no pensamento moderno, por consequência dos avanços tecnológicos e da própria modernidade.

Um tipo diferente de mudança estrutural está fragmentando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais (2006, p.9).

Para entender como o sujeito passou a sofrer este deslocamento, Hall faz um “esboço de cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas ocorridos no pensamento [...]” (2006, p. 34). Uma breve explanação sobre os principais motivos que ocasionaram o descentramento do sujeito pode nos proporcionar um melhor entendimento a respeito de como esta identidade pós-moderna se configura.

O primeiro descentramento, segundo Hall, foi o *Pensamento Marxista*, defendido pelo filósofo Karl Marx ao afirmar que “os indivíduos não poderiam de nenhuma forma ser os “autores” ou os agentes da história, uma vez que eles podiam agir apenas com base em condições históricas criadas por outros e sob as quais eles nasceram [...]” (2006, p. 34). De acordo com esta definição os homens poderiam compor sua identidade, apenas, sob as condições históricas que eram fornecidas por gerações anteriores. No período contemporâneo este pensamento não corresponde à condição do indivíduo moderno que se reconstrói conforme às necessidades de seu meio social.

Os escritos de Marx pertencem, naturalmente, ao século XIX e não ao século XX. Mas um dos modos pelos quais seu trabalho foi redescoberto e reinterpretado na década de sessenta foi à luz da sua afirmação de que os “homens (sic) fazem a história, mas apenas sob as condições que lhes são dadas” (HALL, 2006, p.34).

O segundo descentramento é a *Descoberta do Inconsciente*, por Sigmund Freud. Para Freud, nossas identidades, sexualidade e a estrutura de nossos desejos são formadas no inconsciente.

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 2006, p. 38).

O conceito de identidade apresentado por Freud se baseia em algo que não é fixo e unificado, mas que está sempre em mudança e em processo de formação, uma vez que os indivíduos se relacionam com outros indivíduos e, por consequência, transmitem novas concepções sociais. O pensamento freudiano considera a definição de um sujeito racional, provido de uma identidade, estando em contínua modificação.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 39).

O terceiro descentramento integra-se ao trabalho de Ferdinand de Saussure, a *Linguística*, quando afirma que “o falante individual não pode, nunca, fixar o significado de uma forma final, incluindo o significado de sua identidade” (HALL, 2006, p. 41). Saussure assegura que não somos autores de nossas afirmações ou dos significados que expressamos por meio da língua; nós apenas utilizamos a língua para produzir um significado já que ela é preexistente em nós e através dela podemos utilizar os significados que já estão embutidos em nosso sistema linguístico. É por isso que não podemos dizer que somos autores de nossa própria identidade.

Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus atores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2006, 40).

O quarto descentramento é o *Poder Disciplinar*. O filósofo e historiador Michel Foucault assegura que o poder disciplinar está preocupado “em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância é o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo” (HALL, 2006, p. 42).

O objetivo do “poder disciplinar” consiste em manter “as vidas, as

atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo”, assim como sua saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar, sob estrito controle e disciplina, com base no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas “disciplinas” das Ciências Sociais. Seu objetivo básico consiste em produzir “um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil” (HALL apud DREYFUS e RABINOW, 1982, p. 135).

O poder de disciplinar consiste em modelar a população humana e o indivíduo. As principais repartições vinculadas a este pensamento do dever disciplinar eram os quartéis, escolas, oficinas, prisões, hospitais e clínicas, entre outras. Nesta perspectiva, o poder de disciplinar envolveu e tornou o sujeito mais desagregado, ocasionando um isolamento social.

O quinto descentramento faz referência ao *Feminismo*. De acordo com Hall, seria este um dos mais importantes e impactantes dos descentramentos. O impacto causado pelo feminismo fez desencadear uma série de mudanças no pensamento da sociedade, provocando uma relação mais direta com o deslocamento do sujeito.

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968” (HALL, 2006, p.44).

O feminismo durante os anos sessenta fez parte dos novos grupos sociais que, nesta época, eram formados por gays, lésbicas, entre outros. Este movimento reivindicava os direitos da mulher cidadã, contudo não ocasionou apenas mudanças sobre os direitos da mulher, mas também consistiu no nascimento histórico da *política de identidade*, originando uma identidade para cada um destes grupos, na época.

É no feminismo que o sujeito, em decorrência dos processos de descentramento identitário, passa a questionar o tradicional, as organizações sociais, a família, o trabalho, a divisão doméstica, o cuidado com as crianças etc; interrogando a forma como somos formados e produzidos – em relação ao processo de identificação como homem\mulher, pai\mãe, filho\filha; questionando a posição social da mulher e a razão de homens e mulheres serem partes de uma mesma identidade. Neste momento o sujeito está em constante questionamento e as respostas muitas vezes são impossíveis de serem

encontradas.

Em suma, foram estes cinco avanços que contribuíram para o deslocamento da identidade social do sujeito moderno, apontados por Stuart Hall. As novas formas de pensamento resultaram em consideráveis mudanças na vida em sociedade, e nos levaram a questionar se a modernidade pode afetar as culturas tradicionais, desassociando e fragmentando a identidade do indivíduo.

Com base em tais apontamentos, no que se refere à definição de *identidade*, considerando que o indivíduo tornou-se incapaz de se definir como um sujeito de identidade fixa, mas sim como possuidor de uma identidade descentrada, contraditória e fragmentada, proponho identificar, ainda que de maneira figurativa, aspectos da identidade do sujeito moderno em *A Hora da Estrela* (1998), observando a presença desse deslocamento identitário na personagem Macabéa.

2. A REALIDADE INVENTADA NA ESCRITA CLARICEANA

Um ponto fundamental em Clarice Lispector é o jogo de linguagem. A autora apresenta um estilo de acréscimo de “palavras novas, riqueza semântica, exploração dos veios arcaicos da língua, invenção de modalidades sintáticas etc” (NUNES, 2009, p. 133), unindo, neste jogo estético, sensibilidade e inteligência. Uma vez tematizado, este jogo com a linguagem faz ressaltar conflitos da existência humana, e suas dificuldades de expressão.

A este respeito, afirma Benedito Nunes (2009, p. 125):

É um jogo estético que suspende ou neutraliza, por meio da imaginação, a experiência imediata das coisas, dá acesso a novas possibilidades a possíveis modos de ser, jamais coincidindo com um aspecto determinado da realidade ou da existência humana, revelam-nos o mundo em sua complexidade e profundidade.

Em suas obras, Clarice não só constrói um mundo visível, onde seus personagens desenvolvem ações e estabelecem relações pessoais, como também propõe, nas entrelinhas de sua escrita, um mundo paralelo e nebuloso, quase invisível ao olhar comum, mas que é parte inerente a todos; o interior do ser. Todas estas características comprovam a fala de Moser, que assegura que Clarice Lispector, por meio de seus personagens, “ilumina com ainda mais intensidade a luta do indivíduo” (2011, p.263). É a presença de características como estas, na escrita clariceana, que nos possibilita uma leitura sobre alguns aspectos da identidade do indivíduo moderno.

Lispector mostra por meio de seus personagens, construídos de maneira verossímil, conflitos relativos ao indivíduo em sociedade. Muitos de seus seres fictícios não conseguem estabelecer uma relação do homem com o mundo, nem com as pessoas a sua volta.

Esta forma de narrativa em seus escritos aponta para uma nova expressão verbal. Clarice passa a incorporar nos seus romances a temática de conflitos de existência humana, por meio de situações nas quais os personagens são envolvidos de maneira dramática e trágica. Tais personagens assumem, considerando a verossimilhança, aspectos relevantes da personalidade humana ao apresentarem características psicológicas, sentimentos profundos, personalidades fortes, e por se situarem em espaços geográficos plausíveis, dentro de um contexto histórico e social, e, na maioria

das vezes, em busca de um encontro consigo mesmo.

Em relação à busca pela identidade, no tocante às personagens clariceanas, Nunes afirma que ela é “desfeita num momento e refeita noutra, desagregando-se sempre, e sempre ameaçada, a identidade pessoal parece mais um ideal a atingir, um produto da imaginação, uma meta a alcançar, do que um dado real” (2009, p.118). Segundo o mesmo autor, o mundo imaginário construído por Clarice Lispector é povoado por seres humanos que, constantemente, refletem acerca do que sentem. Esta reflexão nos leva a supor que as personagens clariceanas procuram a essência de si próprias e um significado para o mundo que enxergam.

Um bom exemplo desta proximidade que a autora faz de seus personagens com a realidade, ou o modo peculiar com que constrói suas narrativas, pode ser percebido em muitos de seus romances. De maneira bastante resumida, apenas para aclararmos o assunto, destacaremos algumas de suas principais obras em que o crítico literário Benedito Nunes aproxima o nosso olhar das personagens clariceanas.

Em *A Maçã no Escuro* (1961), o personagem Martim é caracterizado por uma não inserção social definida; seu passado é incerto, e tudo o que lhe resta são as invenções de sua imaginação. Quanto ao romance *Perto do Coração Selvagem* (1943), nos deparamos com a personagem Joana que, semelhante a Martim, tem a sua identidade pessoal ocultada. No complexo enredo de *A Paixão Segundo G.H.* (1964), a personagem é apresentada como fragmento de um todo universal e vive em um apartamento de um edifício, em uma determinada cidade de um país, dentro de um continente que faz parte de um lugar no universo. As imagens formadas por esta fragmentação representam um espaço incerto, podendo significar a necessidade do ser humano de encontrar-se ou definir-se enquanto ser social.

Já no romance *O Lustre* (1946), as personagens não possuem características exteriores, nenhuma delas tem sobrenome, e somente algumas apresentam ascendência familiar, habitação e profissão. A personagem principal da obra, Virgínia, tenta a todo custo fazer contato com o mundo, e todas as tentativas são frustradas. Há, para esta personagem, o mesmo fim trágico atribuído à Macabéa, em *A Hora da Estrela* (1977).

Desta maneira, as personagens de Clarice são inseridas no mundo da ficção como seres de fato; uma representação do homem perante si mesmo e as coisas existentes, com seus conflitos e descobrindo a solidão e o abandono no mundo.

Sobre a humanidade presente nos personagens, afirma Benedito Nunes (2009, p. 119):

Movidos pelo desejo de ser, fonte profunda de onde brotam os seus desejos mundanos, desnudados em sua existência individual, o que neles transparece e se afirma é uma inquietação insondável. Participando da impulsividade do orgânico e das aspirações de caráter espiritual, essa inquietação, que corresponde à necessidade de ser, é mantida e desenvolvida pelo sentimento da existência, no qual todos os outros sentimentos desembocam.

Nunes afirma que na visão de realidade de Clarice, “o Ser e o Nada se identificam” (2009, p. 133). É possível afirmar que seus personagens são movidos pela necessidade de se tornarem “alguém” no mundo, e que buscam por uma espécie de realização pessoal – para alguns, indefinida –, mas para eles nada é possível de realizar-se. Além disso, o jogo de linguagem em seus romances ocasiona consequências um tanto absurdas a suas personagens, como “o desejo de superar a aparência, conquistando algo assim como um estado definitivo, realização das possibilidades em nós latentes” (NUNES, 2009, p.127). É típico do ser humano buscar compreender a todo custo quem ele é. Querer saber a respeito de sua identidade, ainda que silenciosamente, faz parte de uma necessidade maior.

Outro ponto fundamental que povoa o imaginário de Clarice Lispector é o silêncio. Esta propriedade bastante recorrente em suas obras, segundo afirma Regina Pontieri (2004), pode ser compreendida por meio de dois critérios distintos: “o impossível de ser dito ou aquilo sobre o que se pode falar [...]” (p. 49). É também neste ponto de convergência que se encontram as principais personagens das obras clariceanas; seres fictícios que, condicionados a um ajuntamento de palavras e gestos, procuram definir uma identidade, mesmo que fracassando desde o início da história.

Ainda a respeito das personagens de Clarice, Pontieri afirma que elas são “como seres fragmentados, que vivem entre o mundo da razão e o abismo da multiplicidade das pulsões [...]” (2004, p.113). Especificamente em *A Hora da Estrela*, Macabéa constrói constantes questionamentos sobre si, a vida e o mundo, sem nunca alcançar respostas para suas perguntas impossíveis. Nesta situação, o silêncio é quem se apresenta como a melhor e mais plausível resposta.

Para Pontieri, todas as obras da autora são fragmentadas e com certo grau de ironia. As personagens principais são quase sempre vítimas e/ou frágeis, e o vazio imposto é construído por causa da angústia, ou quando ocorre a impossibilidade de identificar-se enquanto um *ser* consciente e definido socialmente. É quando a

personagem perde seu “eu”, sua identidade literária – ficcional.

Em uma de suas realidades inventadas, neste jogo de linguagem onde “a escritora se inventa ao inventar a personagem” (NUNES, 1973, p. 169), Clarice nos apresenta um narrador fictício, Rodrigo S.M., que, insistentemente e com certas doses de angústia, procura a todo custo escrever a respeito de uma moça tola, que ninguém enxerga; um ser sem vida, delicada e de vaga existência. Foram estas notas introdutórias que nos despertaram o interesse em tentar entender as questões suscitadas pela literatura em relação ao real.

O narrador de *A Hora da Estrela* coloca Macabéa em um contexto de existência humana e em todo o enredo a moça vive em um ambiente de solidão e abandono, um ser dispensável para o mundo, submergido em um turbilhão de conflitos existenciais e sociais mesmo sem perceber. A jovem, por falta de estrutura social, se vê engolida por uma coletividade individualista e repressora. Sua identidade em nenhum momento é expressa, apesar das referências culturais de sua origem. Seu conhecimento se torna inferior, suas raízes, sonhos e pensamentos ressoam como inúteis e vagos. A sociedade capitalista e materialista não lhe dá condições suficientes para que ela faça parte deste sistema, e por ela não estar inclusa no meio social, toda sua identidade é apagada e desvalorizada, dificultando as condições de Macabéa se habituar.

Em todo o enredo, Macabéa procura com muito custo ser uma pessoa autêntica, porém esta nova sociedade é diferente de sua realidade, e suas atitudes se tornam insignificantes para as poucas pessoas que a conhecem. Isto ocorre de tal modo que até a língua se apresenta como uma enorme barreira, gerando diversas inquietações para a personagem que busca, enquanto indivíduo, o desejo de ser, e de se descobrir como ser humano. Contudo seus anseios são fracassados.

As informações que a obra *A Hora da Estrela* nos fornece, acerca de sua personagem principal, Macabéa, é o que nos inquieta e nos conduz à reflexão, a respeito do indivíduo moderno diante desta nova concepção de identidade fragmentada.

2.1. UMA ESCRITA, MUITAS IDENTIDADES

Em, *A Personagem do Romance* (1976), Antonio Cândido assegura que, de modo geral, a personagem traz em si semelhanças com o ser vivo, quase sempre apresentando as mesmas complexidades, as mesmas reações psicológicas, representando bem, ainda que ficcionalmente, o mundo real. “Assim o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permitiria viver, e contemplar pela crescente redução de possibilidades” (1976, p. 36).

A personagem na obra assume determinados aspectos psicológicos e complexidades que lhe são atribuídas por um narrador-personagem, que se apresenta como autor da estória. É este ser fictício que também caracteriza e atribui sentido aos demais personagens, que passam a viver o enredo e as ideias que o narrador-personagem constrói, fazendo com que suas ações e pensamentos pareçam reais. Estas características serão para o leitor marcas possíveis de sua identificação com a personagem. E são as formas de expressão da personagem, desde a fala, gestos e ações que a caracterizam. Dessa forma, de acordo Beth Brait, “cada página procura expor a “vida” à medida que se desenvolve, flagrando a existência da personagem nos momentos decisivos de sua existência, ou pelo menos nos momentos registrados como decisivos” (1985, p. 50).

Por meio do enredo, o narrador caracteriza a personagem de acordo com seu ambiente social, desde sua condição de vida a problemas enfrentados em sua região. Logo o leitor passa a observar e a refletir sobre o ambiente social da personagem, formando sua própria concepção a respeito dos conflitos que a envolvem.

Muitas vezes o sentido atribuído a esta figura já é retratado em sua própria condição humana, e o leitor então enxerga estes aspectos ficcionais como parte de sua própria realidade. Como bem pontua Cândido, a personagem é um ser fictício que na sua relação com o ser vivo o expõe, na medida em que este relembra fatos e relaciona-se com eles.

A ideia de fragmentação, segundo o pensamento de Bauman e Hall, como uma das características da identidade do sujeito moderno, pode ser percebida na construção do romance *A Hora da Estrela*, ainda que de maneira figurativa. A estrutura do texto se materializa em torno de uma escrita fragmentada e dividida em partes, partindo da elaboração de uma narrativa fragmentada quando, de início, nos deparamos com duas

narrativas; em uma delas, o narrador conta sua vida e sua complicada missão de escrever uma estória, “como irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês” (LISPECTOR, 1998, p.12); em paralelo a isto, o narrador escreve a estória de Macabéa, “assim é que eu experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gran finale” seguido de silencio e de chuva caindo” (LISPECTOR, 1998, p.13).

Lispector constrói enredo, espaço e tempo, ora para contar sobre Rodrigo S.M, ora para contar a estória de Macabéa. É assim que, como um quebra-cabeça, a autora nos fornece informações a respeito de Macabéa e do narrador de sua estória, que também é um personagem. Por sua vez, este narrador nos apresenta Macabéa, que “é antes de tudo vida primária que respira, respira, respira. Material poroso [...] (LISPECTOR, 1998, p.13)”, delicada, de vaga existência e presa à rotina; um ser sem vida. Mais especificamente, o narrador Rodrigo S.M. apresenta considerações sobre sua existência até metade do livro e só após alguns momentos de amargura diz que a pessoa sobre quem escreverá é tola, sorri para os outros na rua, mas ninguém a enxerga. Acrescenta, ainda, que Macabéa “é incompetente para a vida [...]”. Vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (LISPECTOR, 1998, p.24). É a partir deste instante que Macabéa passa a ganhar forma na estória.

Ao longo da narrativa, Rodrigo S.M. procura caracterizar sua personagem. Esses detalhes são percebidos no desenrolar das muitas passagens e situações vivenciadas por Macabéa, atribuindo-lhe um tipo específico de comportamento; antes de dormir, por exemplo, sentia fome e decidia mastigar e engolir folhas de papel; sofria também de uma tosse seca que, nas madrugadas, procurava abafar o barulho com um travesseiro, não querendo incomodar suas colegas; em dias de domingo acordava cedo e não fazia nada, apenas meditava inquieta, lembrando-se de sua infância quando aproveitara uma boa farofa seca, julgando que fora feliz, todas as madrugadas ligava baixinho um rádio, emprestado por uma de suas colegas de quarto, ansiosa por ouvir os anúncios, que adorava.

O estilo de composição do enredo também pode ser considerado como outra possibilidade de encontrarmos traços desta fragmentação moderna, na obra, como é o caso das inúmeras indecisões do narrador ao tentar escrever a estória de sua personagem, Macabéa; dos ambientes que destoam do perfil de sua protagonista; das frágeis relações que não se consolidam; de um relacionamento amoroso fragilizado e individualista; de antigas práticas religiosas sufocadas diante do mundo moderno.

Na tentativa, por exemplo, de encontrarmos algum vestígio desta fragmentação em Rodrigo S.M., como representação do indivíduo que já não mais possui fortes marcas de si mesmo, resultante da crise de identidade, destacamos o seguinte trecho:

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial (LISPECTOR, 1998, p.12).

O narrador da obra se configura como alguém que está sempre mergulhado em indagações e conflitos, sem saber como compor sua estória, e compondo, separadamente, cada momento da vida de Macabéa, adiando a estória com medo da pobreza da moça, incompetente para a vida.

Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. Mas tenho o direito de ser dolorosamente frio, e não vós. Por tudo isto é que não vos dou a vez (LISPECTOR, 1998, p.13).

Quanto a sua condição de narrador interposto, narrador/personagem/escritor, ainda para falar sobre si, Rodrigo S.M. tinha que nivelar-se à condição irrelevante de sua personagem. E a julgar pelas irresoluções que Macabéa lhe causava, não sabia dizer se realmente a amava ou a odiava. Desviava-se de qualquer compromisso alegando, apenas, que “esta história é quase nada” (LISPECTOR, 1998, p.24), e que o único jeito de livrar-se dela seria começar para terminá-la depressa.

É possível, ainda que hipoteticamente, fazermos uma leitura do *espaço e tempo*, elementos narrativos, relacionando-os com a ideia de fragmentação originária do mundo moderno. Cândida Vilares Gancho, na obra *Como analisar narrativas* (2002), define que o tema espaço tem por definição o lugar onde se passa a ação em uma narrativa, sua principal função é situar as ações das personagens e estabelecer interação entre eles, ou seja, “o termo espaço, de um modo geral, só da conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico etc.” (2002,

p. 23).

Em *A Hora da Estrela*, Lispector constrói espaços para a estória apresentando-os, também, de forma fragmentada. No ato de tentar iniciar o drama de Macabéa, o narrador Rodrigo S.M procura situá-la em seu primeiro *espaço* ao dizer: “numa Rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina” (LISPECTOR, 1998, p.12).

O segundo *espaço* é descrito de maneira mais intimista, e refere-se ao local em que Macabéa morava com quatro colegas: “O quarto ficava num velho sobrado colonial da áspera Rua do Acre entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto. O cais imundo dava-lhe saudade do futuro” (LISPECTOR, 1998, p.30). Interessante perceber que o narrador compara o ambiente desta moradia com a vida de sua personagem.

Em seguida, Rodrigo S.M. situa Macabéa em seu terceiro *espaço*, que, como ele diz, “Rua do Acre para morar, rua do Lavradio para trabalhar” (LISPECTOR, 1998, p.31). É neste endereço onde Macabéa trabalha como datilógrafa. O quarto *espaço* tem a ver com o momento em que Macabéa conhece Olímpico, seu primeiro e único namorado, bem “diante de uma vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos” (LISPECTOR, 1998, p.44). O penúltimo *espaço* de importância, na obra, faz menção ao endereço de madama Carlota. “O apartamento térreo ficava na esquina de um beco” (LISPECTOR, 1998, p.71), lugar onde Macabéa foi procurar saber sobre seu destino.

Por fim, o narrador nos apresenta o último *espaço*, porém sem muitos detalhes, tão indiferente e sem referência assim como as sociedades e o indivíduo moderno; o local onde Macabéa é atropelada.

Macabéa ao cair ainda teve tempo de ver, antes que o carro fugisse, que já começavam a ser cumpridas as predições de madama Carlota, pois o carro era de alto luxo. Sua queda não era nada, apenas um empurrão. Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara mansamente voltada para a sarjeta (LISPECTOR, 1998, p.80).

Ficou inerte no canto da rua, talvez descansando das emoções e viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci (LISPECTOR, 1998, p.80).

No que se refere ao elemento narrativo *tempo*, a obra *A Hora da Estrela* situa-se em um período marcado pela migração nordestina, devido às constantes secas

enfrentadas pela população de diferentes regiões do Nordeste. Um grande número de pessoas abandonava sua região em busca de uma nova vida.

Clarice Lispector descreve este *tempo* por meio de seu narrador que, ao relatar sobre o passado de Macabéa, diz que ela “nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei” (LISPECTOR, 1998, p.28). A personagem, que parte em busca de melhores condições de vida, abandona o sertão e muda-se para a metrópole e imediatamente entra em crise com sua identidade, além de tentar, a todo custo, encaixar-se em um mundo moderno e capitalista.

Outro aspecto do *tempo* presente na obra está diretamente ligado à modernidade. Como consequência da Revolução Industrial, os indivíduos viram-se obrigados a se qualificarem para não serem excluídos do mundo tecnológico. Lispector apresenta Macabéa como representação desses indivíduos que não se adaptaram a esta mudança; ela simplesmente “nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Por último, há o *tempo* feminista que, com o advento da modernidade, e a quebra de algumas regras tradicionais, levou as mulheres a reivindicarem seus direitos, enquanto ser humano e mulher. Em grande parte de suas obras, Clarice Lispector não deixa de retratar a mulher como um ser explorado pela sociedade, e Macabéa apresenta tais características quando o narrador descreve a estória como “fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p.15). Trata-se não somente de denunciar as dificuldades do indivíduo mergulhado em uma sociedade moderna, mas também de revelar a luta da mulher para a interação de gêneros e outras questões relacionadas aos direitos igualitários.

2.2. MACABÉA: MAIS UM NA MULTIDÃO

Nosso ponto de partida, uma vez compreendido que o sujeito moderno não mais possui uma representação identitária coesa, nem se define por meio de uma identidade fixa, mas contraditória e fragmentada, foi o de perceber que Macabéa não consegue enquadrar-se nos modos e costumes de uma metrópole, e que é possível que nem saiba deste fato. “A moça vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim” (LISPECTOR, 1998, p.23).

A imatura Macabéa não possui uma família, “nascera inteiramente raquítica, herança do sertão [...]. Com dois anos de idade lhe haviam morrido os pais de febre ruins no sertão de Alagoas, lá onde o diabo perdera as botas” (LISPECTOR, 1998, p. 28), e após a morte da tia que a criou, foi viver com quatro colegas em uma pensão, num bairro do Rio de Janeiro. A alagoana habitua-se a uma “estranha” rotina de gostos e afazeres, “como uma idiota” (LISPECTOR, 1998, p.26) que nasceu de maus antecedentes e que nem chegou a conhecê-los. “Parecia uma filha de um não sei o quê com ar de se desculpar por ocupar espaço” (LISPECTOR, 1998, p.27). A moça nem ao menos sabe quem é e nem se preocupa em saber, segue indiferente a vida que também lhe é indiferente, participante alheia de relações sociais individualistas e interesseiras, sem importar-se com questões impostas por seu grupo social.

Hall (2006) afirma que um dos aspectos que afeta o indivíduo moderno é precisamente a fragmentação da família. O sujeito não conhece sua origem, ou seja, a sua identificação como homem\mulher, pais\mães, filhos\filhas e assim o conceito de família passa a ser descentrado; o que era tradicional perde seu valor e esta quebra faz do sujeito um ser incerto de suas escolhas, pois ele já não possui uma organização social para lhe amparar.

Diante de todas as considerações sobre como a *identidade* se configura no mundo moderno, e de como as mudanças ocorridas na sociedade contribuíram para o surgimento de inúmeras incertezas, influenciando e reconstruindo comportamentos, marcando um tempo em que os indivíduos adquiriram certa dificuldade em definir sua própria identidade no mundo, elencaremos cinco aspectos que nos servirão como percurso para análise do objeto desta pesquisa.

A solidão por escolha

Este é o primeiro aspecto a ser analisado. Um traço marcante que caracteriza a *Identidade* moderna de Macabéa pode ser facilmente percebido por meio da relação da personagem com as amigas. No decorrer da história a jovem mantém afinidades com poucas pessoas, entre elas, as “companheiras de quarto – Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Marias apenas” (LISPECTOR, 1998, 31), com quem divide um quarto localizado “num velho sobrado colonial da áspera rua do Acre, entre as prostitutas que serviam a marinheiros, depósitos de carvão e de cimento em pó, não longe do cais do porto” (LISPECTOR, 1998, p.30).

As colegas de pensão eram as únicas supostas companhias que Macabéa tinha em “casa”. Estas, porém, nunca se importavam com a presença da moça; para elas a adolescente era insignificante, cheirava mal, tinha crise de tosse seca todas as noites, não sabia o que era se alimentar e sempre permanecia calada sem apresentar nenhum assunto.

Macabéa era assim a todo tempo. Não sabia como se relacionar com pessoas a sua volta. O narrador Rodrigo afirma que “talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante [...]. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar” (LISPECTOR, 1998, p.32).

Na tentativa de descobrir quem realmente é Macabéa perde o sentido de si própria, deixando de pensar e refletir sobre o mundo a sua volta. “Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo” (LISPECTOR, 1998, p.35). A consequência desses surtos de crise identitária é um não reconhecimento enquanto indivíduo socialmente definido; a jovem passa a não se conhecer: “quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

A personagem criada por Rodrigo S.M. gostava mesmo era da solidão. Quando as colegas de quarto saíam e ela conseguia ficar só era a coisa mais preciosa, “dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! Usufruía de tudo, da arduamente conseguida solidão, do rádio de pilha tocando o mais alto possível [...]” (LISPECTOR, 1998, p.41). A solidão era de fato algo bom para Macabéa, pois sentia grande dificuldade em se comunicar com as pessoas. A solidão era uma espécie de fuga do

convívio social.

Neste caos criado pela sociedade moderna, onde o indivíduo não é capaz de se reconhecer, Macabéa encontra-se completamente perdida, distante e sozinha, sem se dar conta da realidade em que vive:

Numa espécie de atordoado limbo, entre o céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata do lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é acaso na vida? (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Segundo Bauman (2005), o sujeito moderno precisa encontrar uma “identificação”, e esta procura por identificar-se, definir-se enquanto indivíduo pertencente, se torna cada vez mais necessária. Esta é a época em que os indivíduos buscam um “nós” para se representar na sociedade que, assim como este indivíduo, também se encontra fragmentada. Nesta constante busca por um “eu” próprio, o sujeito perde-se, cotidianamente.

A difícil missão de datilografar

Cada um dos ambientes por onde a personagem transita, ao longo da narrativa, nos possibilita perceber como o indivíduo pode se fragmentar diante da necessidade de sobrevivência e interação. Como nos conta o narrador da história, a datilógrafa, todos os dias, ao sair para o trabalho, parecia “uma doida mansa porque ao correr do ônibus devaneava em altos e deslumbrantes sonhos [...]” (LISPECTOR, 1998, p.38), sonhos que, assim como ela, eram vazios. Assim, o segundo aspecto possível de leitura da *Identidade* moderna em Macabéa, pode ser compreendido por meio das relações que ela estabelece em seu ambiente de trabalho.

Neste lugar, antes de tudo, “faltava-lhe o jeito de se ajeitar” (LISPECTOR, 1998, p. 24). Macabéa tinha que cumprir a missão de datilografar, e errava além do suficiente por não compreender o significado de algumas palavras; conseguia sujar os papéis todos os dias, com sua datilografia desajeitada. Mas, para melhorar na datilografia, passou a observar, cuidadosamente, cada letra. O Sr. Raimundo, seu patrão, que até havia pensado em despedi-la, acostumou-se com a ineficácia da pobre moça; pedia apenas para que ela copiasse atenciosamente cada palavra.

A maior parte do tempo tinha sem o saber o vazio que enche a alma dos santos. Ela era santa? Ao que parece. Não sabia que meditava pois não sabia o que queria dizer a palavra. Mas parece-me que sua vida era uma longa meditação sobre o nada. Só que precisava dos outros para crer em si mesma, senão se perderia nos sucessivos e redondos vácuos que havia nela. Meditava enquanto batia à máquina e por isso errava ainda mais (LISPECTOR, 1998, p.38).

Além do Sr. Raimundo, Glória, sua companheira de trabalho, era quem mais se aproximava da nordestina, mas não lhe dava importância; pensava apenas que a colega era um tipo de ser muito estranho, feio e desarrumado, ao contrário dela que parecia ter classe. Macabéa não dava importância a pouca consideração que as pessoas tinham por ela; sabia que nunca havia sido tão contente na vida, e pensando assim preferia passar seu dia em pleno tédio, “não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada. Até deu-se ao luxo de ter tédio – um tédio até muito distinto” (LISPECTOR, 1998, p. 42).

Sem perspectivas de futuro, a moça procura em seu trabalho refugiar-se em longos momentos de meditação, mesmo desconhecendo o que isto significava. Tudo lhe era novo e este novo lhe causava um grande estranhamento. A *Identidade* que possivelmente a definira no passado já não conseguia manter-se fixa e coesa com a sociedade capitalista e individualista da qual ela, sem saber, era participante.

Neste mundo moderno e completamente caótico, Macabéa não consegue firmar relações concretas em seu ambiente de trabalho, tampouco agregar-se socialmente. A todo tempo, o narrador Rodrigo S.M. propõe a criação de uma identidade para a sua personagem, mesmo ao descrevê-la de maneira incerta. Assim sendo, confere à Macabéa uma identidade em certo momento, mas logo em seguida fragmenta-a, propondo a ideia de muitas outras, como consequência de uma crise de pertencimento.

Bauman (2005) aponta que esta crise só existe pelo fato de o sujeito viver rodeado de incertezas, sendo incapaz de construir uma identidade própria. Para Macabéa, que vive neste mundo moderno, o que resta é a permanência de incertezas em relação a si mesma, ao outro, ao mundo. Movida por incertezas, a nordestina não consegue desenvolver seu trabalho com eficácia, tão pouco se incluir com seus colegas de trabalho, pois as pessoas a sua volta simplesmente não conseguem entendê-la.

Amor, alheio amor

A maneira como o narrador constrói a relação amorosa de Macabéa com seu primeiro e único namorado, Olímpico, é outro modo de leitura que nos permite compreender como a construção fragmentada da identidade de Macabéa se aproxima de aspectos que envolvem as crises de identidade do sujeito moderno. Vale ressaltar que nossa proposta é fazer uma leitura dessas fragmentações por meio das quais a personagem clariceana é apresentada no romance. Elencamos este tema como sendo o terceiro aspecto a ser analisado.

[...] O coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiaba com queijo (LISPECTOR, 1998, p.43).

Na citação acima, encontramos a descrição do momento em que Macabéa conhece Olímpico e descobre que ambos são nordestinos. O narrador, Rodrigo S.M., descreve Olímpico como um homem esperto e malandro, diferente da jovem que mal conseguia pensar sua própria vida. A moça mal conheceu Olímpico e já se apaixonou, e de imediato aceitou o pedido para um passeio.

Durante o curto período de namoro, Macabéa e Olímpico faziam inúmeros questionamentos um para o outro; as respostas afligiam, ora Macabéa, ora Olímpico:

Ele: – E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?

Ela: – Macabéa.

Ele: – Maca, o quê?

Ela: – Béa.

Ele: – Me desculpe mas até parece doença, doença de pele.⁶

No início da conversa entre Macabéa e Olímpico o narrador nos permite perceber que sua personagem sequer conhece o significado de seu próprio nome. Sabia, apenas, que o nome lhe foi dado com finalidade de cumprir uma promessa, feita por sua mãe, a Nossa Senhora da Boa Morte, e que até um ano de idade não era chamada por nome, preferindo continuar a nunca ser chamada por um nome que ninguém conhece.

Em uma das vezes em que Macabéa encontrou-se com Olímpico, ela decidiu lhe

⁶LISPECTOR, 1998, p.43.

perguntar qual era o nome do seu namorado. O moço mentiu ao dizer que seu sobrenome era Jesus, e de imediato contou à moça que era um metalúrgico, ao invés de operário, e afirmou que seu trabalho “consistia em pegar barras de metal que vinham deslizando de cima da máquina para colocá-las embaixo, sobre uma placa deslizante” (LISPECTOR, 1998, p. 45). Olímpico mentia na tentativa de mostrar a Macabéa que ele era de classe social considerável. Macabéa ficava contente com a posição do namorado, sem suspeitar que estivesse sendo enganada; para ela, Olímpico era alguém no mundo.

Enquanto nada acontecia na vida do casal, eles deixavam as coisas seguirem seu rumo, “[...] os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada” (LISPECTOR, 1998, p. 47-48). Eles não sabiam o que inventar, nem sobre o que conversar, nem como conversar:

Ele: – Pois é.

Ela: – Pois é o quê?

Ele: – Eu só disse pois é!

Ela: – Mas “pois é” o que?

Ele: – Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: – Entende o quê?

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

Ela: – Falar então de que?

Ele: – Por exemplo, de você.

Ela: – Eu?!

Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.

Ela: – Desculpe mas não acho que sou muito gente.

Ele: – Mas todo mundo é gente, Meu Deus!

Ela: – É que eu não me habituei.

Ele: – Não se habituou com quê?

Ela: – Ah, não sei explicar.

Ele: – E então?

Ela: – Então o que?

Ele: – Olhe, eu vou embora porque você é impossível!⁷

Diante do mundo moderno, Macabéa se encontra solitária, mesmo em companhia de Olímpico, e as perguntas sem sentido que formula ao namorado, perguntas impossíveis de serem respondidas, assim como a sua vida que é impossível de ser compreendida, podem ser percebidas como consequência dessa solidão que suporta indiferente. A relação de amor, ou melhor dizendo, a relação de “namoro” não se manteve por muito tempo, e os instantes de incômodo que Macabéa causava ao namorado, por não saber se situar no mundo, contribuíram para este fim.

⁷LISPECTOR, 1998, p.48.

Logo Olímpico passa a demonstrar insatisfação em namorá-la, “talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subprotudo. Mas quando ele viu Glória, colega da Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe” (LISPECTOR, 1998, p. 59). Glória possuía características boas para Olímpico, era branca, oxigenada, carioca, bem alimentada, possuía material de boa qualidade; também tinha família, mãe, pai e comida quente na hora certa, ao contrário de Macabéa, que era um ser esquisito. Por estes motivos, Olímpico decide namorar Glória, que era toda contente consigo mesma. Glória valorizava-se, tinha valor próprio, diferente de Macabéa, que não tinha valor algum.

Era de espantar que para corpo quase murcho de Macabéa tão vasto fosse o seu sopro de vida quase ilimitado e tão rico como o de uma donzela grávida, engravidada por si mesma, por partenogênese: tinha sonhos esquizoides nos quais apareciam gigantescos animais antediluvianos como se ela tivesse vivido em épocas mais remotas desta terra sangrenta (LISPECTOR, 1998, p.60).

A personagem de Rodrigo S.M. não sente a perda do namorado, não lamenta o rompimento de seu relacionamento com Olímpico. Dificilmente poderíamos afirmar com plena certeza se Macabéa sorriu por sentir-se decepcionada, traída, ou por qualquer outro sentimento, ou se foi por uma eventual casualidade. Na voz do narrador, “na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente, inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar” (LISPECTOR, 1998, p.61). Ela aceitava a perda do namorado como uma imposição feita pelo destino, pois sabia que não havia lugar para ela no mundo; Olímpico ficaria com sua colega.

Outro aspecto que comprova o descentramento da identidade é esta relação pessoal - amorosa, justamente pelo fato de Macabéa não saber quem realmente ela é e por não existir um “eu” para ela se situar, se sente incapaz de ser alguém no mundo. Ela onde ela mesma afirma que não é muita gente e que não conseguiu se habituar. Pelas incertezas que ela vivia, por todo momento, sem saber como agir é dispensada pelo namorado, e outra vez é afligida por esta fragmentação que afeta sua vida social.

Um discurso fragmentado

O quarto aspecto que nos faz perceber esta fragmentação na identidade acontece quando Macabéa, pela primeira vez na vida decidiu procurar um médico barato para

examinar sua fraqueza física. Macabéa procurou um médico que trabalhava apenas para ganhar dinheiro e nunca por amor ao seu trabalho e seus pacientes trabalhava apenas para os pobres e seu sonho era ter dinheiro para fazer o que queria – nada.

Ao consultar Macabéa, ele examinou-a e perguntou:

Ele: – Você faz regime para emagrecer, menina?

Macabéa não soube responder.

Ele: – O que é que você come?

Ela: – Cachorro-quente.

Ele: – Só?

Ela: – Às vezes como sanduíche de mortadela.

Ele: – Que é que você bebe? Leite?

Ela: – Só café e refrigerante.

Ele: – Que refrigerante? Perguntou ele sem saber o que falar.

À toa indagou:

Ele: – Você às vezes tem crise de vômito?

Ela: – Ah, nunca! Exclamou muito espantada, pois não era doida de desperdiçar comida. [...]

Ele: – Essa história de regime de cachorro-quente é pura neurose e o que está precisando é de procurar um psicanalista!

Ela nada entendeu, mas pensou que o médico esperava que ela sorrisse. Então sorriu.⁸

Podemos encontrar também características desta fragmentação neste momento em que Macabéa tenta se relacionar com o médico. Percebemos o quanto ela se sentia insegura por não saber nem ao menos conversar de forma apropriada. Ela não conseguia se expressar e dizer o que sentia, o porquê necessitava de consulta. O médico não tinha o objetivo de encontrar uma solução para sua paciente, pois trabalhava apenas para ganhar dinheiro, assim ele improvisa perguntas sem sentido, apenas para ter algo para falar. Macabéa que já se sentia vazia, simplesmente não conseguia definir o que realmente carecia para melhorar sua condição corporal, ela não entendia as perguntas feitas pelo médico; apenas sorria, pelo fato de não saber como se relacionar com as pessoas.

O discurso produzido por estas personagens tende a fragmentar-se nos sentidos propostos nas sequências das falas, pelo menos no que se refere à compreensão da personagem Macabéa, que não consegue entender o que, de fato, o médico lhe explica, contribuindo para um tipo de diálogo fragmentado, incoerente e desestruturado; não há um sentido lógico na conversa de ambos.

⁸LISPECTOR, 1998, p.67.

O quinto e último aspecto, por meio do qual é possível perceber o deslocamento de identificação da personagem, pode ser percebido quando Macabéa, sem entender os questionamentos que a vida lhe impusera, decide consultar uma cartomante para ouvir respostas sobre seu destino.

Pela primeira vez na vida tomou um táxi e foi para Olaria. [...]. Não foi difícil achar o endereço da madama Carlota, e essa facilidade lhe pareceu bom sinal. O apartamento térreo ficava na esquina de um beco e entre as pedras do chão crescia capim – ela o notou porque sempre notava o que era pequeno e insignificante (LISPECTOR, 1998, p. 71).

Na cartomante, Macabéa sente-se assustada, não sabe como se portar; a jovem admirava tudo o que estava a sua volta. Cada objeto era um sonho para ela, mesmo sendo matéria plástica, era um grande luxo, pois ela nunca tivera condições de obtê-los, então os admirava.

A cartomante logo se apresentou à jovem que lhe esperava trêmula de ansiedade. “Pela primeira vez ia ter um destino. Madama Carlota (explosão) era um ponto alto na sua existência. Era o vórtice de sua vida [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 75-76). Macabéa pensava que por meio da cartomante pudesse encontrar o que nunca teve: uma sina – ser a Estrela que nunca conseguiu ser. Ao vê-la, a cartomante arregalou os olhos e se pôs a adivinhar: “– Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!” (LISPECTOR, 1998, p.76).

Madama Carlota acertou tudo sobre seu passado; disse que ela mal conhecera seus pais, e que fora criada por uma parenta muito má. A jovem Macabéa ficou espantada, pois não pensava que sua vida tivesse sido tão ruim, e também não imaginava que sua tia a tivesse maltratado; pensava que ela havia lhe educado para ser uma moça fina. Não se contendo, a cartomante acrescentou: “– Quanto ao presente, queridinha, está horrível também. Você vai perder o emprego e já perdeu o namorado, coitada de vocêzinha” (LISPECTOR, 1998, p.76).

Sem expectativas futuras, Macabéa conformou-se com aquilo que lhe era apresentado como vida, mas em meio às verdades reveladas, das quais Macabéa nunca havia percebido, a cartomante acendeu uma esperança que se refletia na expressão de seu rosto.

Ela: – Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. Fique sabendo, minha florinha, que até o seu namorado vai voltar e propor casamento, ele está arrependido! E seu chefe vai lhe avisar que pensou melhor e não vai mais lhe despedir!⁹

Foi quando pela primeira vez, após ouvir as predições da cartomante, Macabéa teve um surto de esperança em ser alguém na vida; pela primeira vez encontraria seu lugar no mundo. Então a cartomante diz à Macabéa: “– E tem mais! Um dinheiro grande vai lhe entrar pela porta adentro em horas da noite trazido por um homem estrangeiro” (LISPECTOR, 1998, p.77). Eram muitas as predições, e todas acontecendo ao mesmo tempo; “teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como eu disse, até então se julgava feliz” (LISPECTOR, 1998, p.79). Ao ouvir os prenúncios Macabéa pôde, pela primeira vez, sonhar com a vida que nunca havia nem ao menos pensando existir. Teve consciência que nunca fora feliz, de que era como uma peça insignificante da sociedade e, por ser assim, fora dispensada. E daquele minuto em diante sua vida se transformaria.

Saiu da casa da cartomante aos tropeços e parou no beco escurecido pelo crepúsculo – crepúsculo que é hora de ninguém. Mas ela de olhos ofuscados como se o último final da tarde fosse mancha de sangue e ouro quase negro. [...]. Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras – desde Moisés se sabe que a palavra é divina. Até para atravessar a rua ela já era outra. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho” (LISPECTOR, 1998, p.79).

Macabéa, que ansiava um futuro, ouviu outra reposta por parte de seu destino: “então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o Destino (explosão) sussurrou e guloso: é agora, é já, chegou a minha vez! [...] o Mercedes amarelo pegou-a [...]” (LISPECTOR, 1998, p.79). Ao cair, a moça ainda teve tempo para pensar que as predições da cartomante começavam a se cumprir, pensou que tivesse levado um empurrão, apenas. Mas a verdade é que “o Destino havia escolhido para ela um beco no escuro e uma sarjeta” (LISPECTOR, 1998, p. 81). Macabéa sentiu um forte enjoo de estômago, e vomitou um pouco de sangue. “Sim, foi este o modo como eu quis anunciar

⁹LISPECTOR, 1998, p.76.

que – que Macabéa morreu” (LISPECTOR, 1998, p.85).

A morte de Macabéa é o único instante em que a jovem atrai para si a atenção de outras pessoas, é seu momento de ser estrela. Mas em contrapartida é ao mesmo tempo tratada como um amontoado de lixo caído na calçada. Metáfora que nos impulsiona a refletir sobre a importância do indivíduo moderno, cuja crise de pertencimento descentrou sua identidade. Este indivíduo já não possui uma identidade coerente, e a representação dessa identidade, na obra, pode ser representada como o amontoado de lixo que Macabéa representa às vistas de todos os que a olham. É esta a personagem moderna criada por Lispector, incapaz de estabelecer raízes e valorizar a si mesma. É possível considerar que a morte de Macabéa represente, ainda que de maneira figurativa, a perda de identidade do indivíduo moderno, o esfacelamento de sua identificação como ser socialmente representado e definido. Morte que alude à ideia de fragmentação identitária, carência de pertencimento, individualidade, fragilidade nas relações sociais e na troca de valores; solidão e indiferença.

A autora Clarice Lispector, por meio da complexidade de suas personagens, permite ao leitor aproximar de forma verossímil a vida inventada de sua personagem de ficção do indivíduo do mundo real. Se as mudanças ocorridas no período moderno afetaram de forma impactante o pensamento e as relações do indivíduo da época, também influenciaram os moldes de construção das personagens, fazendo menção ao surgimento e presença desse novo sujeito. São muitas as personagens clariceanas que representam características dessa crise de pertencimento vivida pelo indivíduo real. Macabéa não consegue se estabelecer enquanto indivíduo de uma sociedade hodierna; torna-se desamparada, vítima da sua própria condição, e excluída socialmente.

A literatura é produto poético-ficcional que nos permite pensar a realidade por meio da verossimilhança que o leitor constrói entre personagem e sujeito real. Clarice Lispector, nesse caso, cria personagens complexas que vivenciam fatos conscientes e inconscientes, nos permitindo diferentes maneiras de ler o mundo que nos cerca e do qual somos parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a escrita de Clarice Lispector de grande relevância para a formação intelectual e crítica de leitores contemporâneos, esta pesquisa procurou entender, ainda que no plano literário, como a ideia de identidade se configura na personagem Macabéa ao observarmos as relações e o lugar que a personagem ocupa no romance. Para isso, nos servimos do estudo e das reflexões de teóricos como Antonio Cândido (1976), Benedito Nunes (1973), Stuart Hall (2006) e Zygmunt Bauman (2005).

As indagações que surgiram durante o percurso deste trabalho nos possibilitaram compreender como os aspectos da crise de pertencimento e a fragmentação identitária do indivíduo moderno podem ser percebidos na personagem Macabéa e no seu modo de relacionar-se com tudo que a cerca.

O modo com que a obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, foi construída nos possibilitou perceber marcas desta crise identitária em Macabéa. Os momentos em que o narrador apresenta a moça nordestina se relacionando com outros indivíduos, como as amigas da pensão, no trabalho, no encontro com o único namorado, no médico e por fim no encontro com a cartomante nos faz compreender que Macabéa reflete esta nova concepção de identidade, refletindo a fragilidade nas relações sociais, o não pertencimento, a individualidade e a solidão do sujeito moderno.

Clarice Lispector constrói um mundo fictício povoado de personagens movidos por questionamentos profundos, crises existenciais, solitários e deslocados da “realidade” onde estão inseridos, ou às vezes muito conscientes dela, buscando adequar-se à complexidade de tudo o que as cercam. É no encontro com este universo clariceano que, nos permitimos maneiras diversas de enxergar o sujeito e o mundo a nossa volta. E a personagem Macabéa é um forte exemplo deste indivíduo que, deslocado de sua origem, procura apresentar-se definido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com as pontas dos dedos**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. **Clarice Lispector e a crítica**. In: Clarice Lispector. **Novos aportes críticos**. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, Pittsburgh University, 2006. p. 7-23.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CIAMPA, Antônio da Costa. **As Categorias Fundamentais da Psicologia Social**. Brasiliense, São Paulo, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice, uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&P, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre**. São Paulo: 34, 2009.

_____. **O Drama da Linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1973.

PONTIERI, Regina. **Leitores e Leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: ____ **Texto/Contexto I**. São Paulo: Perspectiva, (1996).